

# Transgeracionalidade: a patologia da transmissão psíquica entre gerações

***Aline Bäumer***

Psicóloga.

***Ana Rosa Chait Trachtenberg***

Médica Psicanalista; Membro Titular em função Didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre; Membro Associado da Asociación Psicanalítica de Buenos Aires.

***Maria Luíza Furtado Kahl***

Psicóloga; Psicanalista; Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria; Mestre em Filosofia e Doutora em Comunicação e Cultura.

A questão da transmissão da herança psíquica entre gerações é um assunto bastante recorrente na psicanálise contemporânea. A transgeracionalidade, transmissão da herança psíquica de maneira patológica, mais especificamente, é o viés que este trabalho pretende abordar.

Salvador Dalí, em sua obra *Le Cabinet Antropomorfique*, utilizou gavetas inseridas em um corpo humano para simbolizar as teorias da psicanálise de Freud. Disse, certa vez, que

a única diferença entre a Grécia imortal e a época contemporânea era Freud, que descobriu que o corpo humano, puramente neoplatônico à época dos gregos, era repleto de gavetas secretas que somente a psicanálise seria capaz de abrir. (DALÍ apud SILVA, 2003, p.19).

Tais gavetas são representações dos conteúdos secretos da psique de cada sujeito, recheadas de conteúdos que foram produzidos pelo próprio indivíduo e também por conteúdos passados a ele através das gerações, por meio da cultura, das tradições.

A escultura de Dalí, assim, possibilita uma metáfora da transmissão psíquica, pois mostra um corpo sem rosto, sem identidade, repleto de gavetas, de compartimentos secretos, de criptas.<sup>1</sup> Uma figura humana seccionada, que nos convida a pensar nos conteúdos que são transmitidos entre e através das gerações, bem como na maneira como essa transmissão psíquica pode influir no psiquismo dos sujeitos.

Se, como disse Dalí, é à luz da psicanálise que se podem investigar os conteúdos secretos das gavetas de cada um, é através de novas leituras acerca da transmissão psíquica, principalmente da transgeracionalidade, que podemos obter novas concepções sobre as doenças psíquicas.

### **Antecedentes Freudianos para a Compreensão da Transgeracionalidade**

Em *Estudos sobre a Histeria*, Freud nos aponta que não apenas os caracteres genéticos são passíveis de ser transmitidos, mas também os psíquicos poderiam ser perpassados.

Partindo do princípio de que existe um contexto subjetivo em que o herdado tem papel fundamental, Freud, através de *Totem e Tabu* (1913), nos apresenta importantes pontos que corroboram para o entendimento da transgeracionalidade.

Através do tabu, código de leis – não escrito – mais antigo da humanidade que detinha todas as regras sociais vigentes, das quais evoluíram as

<sup>1</sup> Conceito que será abordado mais adiante.

atuais, e do maná, poder a ele atribuído, podemos perceber que questões como sagrado *versus* impuro e proibição *versus* violação atuaram, entre outras, como agentes constituintes da psique humana.

Todos os que violassem os códigos do tabu eram castigados e acabavam, eles mesmos, se tornando um tabu, pois representavam a própria transgressão realizada. O medo e a necessidade de apaziguamento dos fantasmas, ou seja, dos mortos da mesma tribo ou de tribos inimigas, demonstram a ambivalência de sentimentos, pois o temor da vingança do fantasma se coloca independentemente da relação com o morto. Ainda, o poder de contágio e destruição atribuído ao totem, capaz de adoecer ou até mesmo matar aquele que o tocasse, remete a um tipo de transmissão pelo qual os espaços psíquicos são abolidos, fazendo, assim, com que o tabu funcione como um intermediário entre indivíduos.

Dessa maneira, existem duas vias de transmissão: uma passa pela cultura e pela tradição, e seu suporte é o aparelho cultural e social que garante a continuidade de geração a geração; a outra é formada pela “parte ‘orgânica’ da vida psíquica das gerações ulteriores” (FREUD, 1913), na qual as proibições passam a ser parte integrante do inconsciente. Nas últimas páginas de *Totem e Tabu*, Freud levanta a hipótese de que essas duas vias se encontram para formar a extensão psíquica da cultura e a inclusão social na psique.

Em *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, Freud articula o conceito de identificação, fundamental para a compreensão da transgeracionalidade, pois, para haver transmissão, existe a necessidade de haver identificação entre os envolvidos.<sup>2</sup> A questão da influência do psiquismo dos pais sobre a constituição do psiquismo infantil e da transferência do narcisismo infantil dos pais ao bebê num ato de reivindicação ao filho, que carrega a suposta obrigação de realizar em nome dos pais os desejos a que tiveram de renunciar, demonstram essa questão. A transferência se organiza a partir do que falta e falha: o narcisismo da criança apóia-se sobre o que falta na realização dos “sonhos de desejo” dos pais. Freud coloca, também, que o

<sup>2</sup> As questões relativas à identificação serão tratadas adiante.

indivíduo é, em si mesmo, seu próprio fim, mas se encontra vinculado a uma corrente geracional, como elo de transmissão, sendo beneficiário e herdeiro da mesma.

O indivíduo leva realmente uma existência dúplice: uma para servir às suas próprias finalidades e a outra como um elo numa corrente, que ele serve contra sua vontade ou pelo menos involuntariamente. (FREUD, 1914).

Em *Luto e Melancolia*, Freud segue os estudos acerca do conceito de identificação, e nos aponta para a identificação narcísica como centro das estruturas narcisistas.

A melancolia é tida como resultante de um luto por uma perda de objeto escolhido em base narcísica e ambivalentemente amado. Existe uma relação de identificação narcísica com o objeto perdido, e daí a falta desse ser tão dolorosa. A libido, antes investida em objetos, agora é direcionada ao próprio ego, gerando auto-acusações e sentimentos de menos-valia. Esse entendimento é importante para o estudo da transgeracionalidade, pois a questão é tratada no âmbito da perda de um objeto escolhido em base narcísica e ambivalentemente amado, o que geraria a necessidade de ativar o mecanismo da incorporação para negar a mesma, através de um luto indizível.<sup>3</sup>

O fenômeno de uma “mente grupal”, apresentado em *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, é trazido por Freud como decorrente de algo comum entre indivíduos, em um nível de reciprocidade tal que o grupo é capacitado a induzir emoções em um grau que dificilmente seria atingido individualmente. A idéia de contágio, antes referida em *Totem e Tabu*, retorna para explicar como as emoções são transmitidas aos membros do grupo, contagiando-os um a um, como se uma compulsão a fazer o mesmo que os outros integrantes se impusesse, sob pena de quebrar a harmonia do todo. Esse contágio emocional que conduz à imitação é provocado pela

<sup>3</sup> Essa questão será analisada adiante.

influência sugestiva do grupo. Laços de amor e de identificação com o líder e com os outros membros do grupo funcionam também como base de sustentação para a influência sugestiva grupal. Esses pontos auxiliam na compreensão da transmissão psíquica, pois abarcam tanto a questão da idéia de transmissão por contágio como a questão do grupo e de como é difícil para um integrante do mesmo, principalmente se em posição de menos poder, ir contra o que o mesmo determina, seja por identificação, seja por desamparo, seja por submissão.

Retrocedendo um pouco, lembremos do artigo de 1914, em que Freud fala da transferência do narcisismo infantil dos pais ao bebê. A família funciona como um grupo, logo, a questão dos laços de amor e de identificação com o líder também se coloca. O pai ou a mãe funcionam como líderes, e cabe à criança não quebrar a harmonia grupal, familiar, restando a ela receber o narcisismo infantil dos pais. O vínculo emocional e o desamparo da criança frente aos seus genitores parecem constituir, para Freud, os fundamentos mais primitivos dos processos de identificação, dos quais emanam as transmissões inconscientes de um indivíduo para outro e de geração para geração, formando a base para o funcionamento intrapsíquico.

Ainda em *Totem e Tabu*, nos perguntamos sobre o que se transmite, e temos a resposta: o crime e a culpa pelo assassinato:

O problema pareceria ainda mais difícil se tivéssemos razões para admitir a existência de impulsos mentais que pudessem ser tão completamente suprimidos que deles não restasse nenhum traço. Mas isso não existe. Por mais forte que seja a supressão, uma tendência jamais desaparece a ponto de não deixar atrás de si um substituto qualquer que, por sua vez, torna-se o ponto de partida de certas reações. É lícito, portanto, supor que não existe processo psíquico mais ou menos importante que uma geração seja capaz de ocultar àquela que a segue. (FREUD, 1913).

Freud, portanto, introduz a idéia de uma formação do inconsciente na própria transmissão do recalçamento, e não apenas dos conteúdos

recalcados. O que se transmite é um traço, mas não só um traço. Lacan, no *Seminário sobre a Carta Roubada* (1966 apud KAËS et. al., 2001, p.56), retomou essa idéia: a carta sempre chega a seu destinatário. Não há nada que seja abolido e que não apareça, algumas gerações depois, como estigma, como impensado, ou seja, como signo do que não pôde ser transmitido na ordem simbólica. Nada do que foi retido permanece totalmente inacessível para a geração seguinte ou para aquela que a esta se segue. Deixará traços, pelo menos em sintomas, que continuarão a ligar gerações entre si, num sofrimento cuja motivação, mantida, lhes será desconhecida. No entanto, ainda resta a questão de compreender os agenciamentos psíquicos que fazem com que um sujeito determinado, e não qualquer um, se constitua seu portador e fixe nesse lugar, com o acordo inconsciente dos outros, as amarras de seu destino e seu próprio fim. A carta sempre chega a seu destinatário, mesmo que este não tenha sido constituído como tal por seu remetente: o traço, a marca segue seu caminho através dos outros até que um destinatário se reconheça como tal.

Com *Moisés e o Monoteísmo*, Freud (1939) diz que

a herança arcaica do homem não engloba apenas disposições, mas também conteúdos, traços mnêmicos do que foi vivenciado por gerações anteriores. Dessa maneira, tanto a extensão como a importância da herança arcaica seriam significativamente ampliadas.

Fica claro, desse modo, que a questão da transmissão da herança psíquica transversalizou a obra freudiana, principalmente através de sua teoria de herança filogenética, a qual ele não abandonou em nenhum momento de seus escritos. O sujeito é entendido como herdeiro genético e também como herdeiro psíquico de sua linhagem parental, e desde cedo sofre influências dessas duas ordens, concomitantemente à sua formação egóica. Como essas duas vertentes vão se conciliar, *a priori* não se sabe, mas se julga que o resultado de sua união e de sua mútua construção, e a elaboração através de seus intermediários, irão formar o sujeito. A relação desse

com os meios social, familiar, cultural e biológico irá adicionar-se como mais um constituinte e, assim, mais um determinante na sua história como indivíduo, delimitando suas estruturas de defesa. Se esse indivíduo é o destinatário da carta enviada por um antepassado, podemos pensar que algo na regulação de suas instâncias psíquicas falhou, não reconheceu como não-seu ou identificou-se com o conteúdo da carta. “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” (GOETHE apud SILVA, 2003, p.25).<sup>4</sup>

### **Introdução aos Conceitos (Pertinentes à Transgeracionalidade) de Abraham e Torok**

Após breve percurso por alguns textos freudianos a fim de se obter entendimento sobre o modo como Freud pensava a questão da herança psíquica e de sua transmissibilidade, chega o momento da introdução de alguns conceitos da obra de Nicolas Abraham e Maria Torok, psicanalistas húngaros que elaboraram conceitos-chave na clínica psicanalítica contemporânea, tais como os efeitos dos segredos de família atravessando gerações (clínica do fantasma ou assombração), o luto impossível de uma pessoa significativa (tornando-se patológico) e o enterro intrapsíquico de uma vivência vergonhosa e indizível (cripta<sup>5</sup>). (CORREA, 2000)

Ferenczi é a raiz mais importante da obra de Abraham e Torok, principalmente pelos conceitos de introjeção e incorporação, fundamentais para o entendimento da questão da cripta que se aloja no seio do Ego e pela concepção de trauma.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> GOETHE. **Fausto**. [s.d.] Parte I, cena I.

<sup>5</sup> Para Derrida, criptar é cifrar, operação simbólica ou semiótica que consiste em manipular um código secreto (apud LANDA, 1999, p.300).

<sup>6</sup> O conceito de trauma para Ferenczi está implicado na sua idéia da “máquina de calcular”. A hipótese dessa máquina se torna a resposta à questão de como um desprazer pode receber um sim: “se o reconhecimento do ambiente hostil representa um desprazer, seu não reconhecimento comporta geralmente ainda mais desprazer, o menos desprazeroso se torna então relativamente prazeroso e pode ser afirmado como tal” (1974 apud LANDA, 1999, p.203). Ainda a noção de identificação com o agressor, a noção de clivagem e a negação pelos adultos da palavra da criança são fundamentais para a questão do trauma na concepção ferencziana (LANDA, 1999, p.215).



Quanto à introjeção,<sup>7</sup> sabe-se que é essencial para o problema do luto. Segundo Ferenczi, ela é um mecanismo que permite “estender ao mundo exterior os interesses primitivamente auto-eróticos, incluindo os objetos do mundo exterior no Ego” (FERENCZI, 1909 apud ABRAHAM; TOROK, 1987, p.221), concebendo, com isso, que todo amor objetal (ou toda transferência) se dá como um alargamento do Ego, ou seja, como uma introjeção.

Sendo a “doença do luto” um tema muito recorrente em Abraham e Torok, a diferenciação entre introjeção e incorporação se faz pertinente.

Introjeção, por conseguinte, se define como um processo de inclusão – a propósito de um “comércio” objetal – do Inconsciente com o Ego. A perda do objeto não seria capaz de acabar com esse processo, posto que a aspiração da introjeção não é da ordem da compensação, mas da ordem do crescimento, buscando introduzir no Ego a libido inconsciente, anônima ou recalçada, alargando, enriquecendo o Ego. “Não se trata puramente de introjetar o objeto, e sim do conjunto das pulsões e de suas vicissitudes, cujo objeto é o próprio contexto e mediador” (ABRAHAM; TOROK, 1987, p.222).

A maior parte das características atribuídas à introjeção valem, no entanto, para a incorporação – mecanismo que supõe, para entrar em ação, a perda de um objeto. Tal mecanismo, contudo, deve entrar em ação antes mesmo que os desejos que o concernem tenham sido liberados.

Como forma de compensação do prazer perdido e da introjeção ausente, ocorre a instalação do objeto proibido no interior do Ego. Essa é a incorporação propriamente dita, que pode operar no modo da representação, do afeto ou de algum estado do corpo, ou utilizar dois ou três modos simultaneamente. Independentemente do instrumento, ela se distingue sempre da introjeção, processo progressivo, em nome de seu caráter instantâneo e mágico (da ordem da fantasia), no qual, na ausência do objeto-prazer, obedece ao princípio do prazer e opera por processos semelhantes ao da realização alucinatória.

<sup>7</sup> Ferenczi é tido como o pai do conceito de introjeção (1909).



O objetivo, no final das contas, é o de recuperar, através de um modo mágico e oculto, o objeto que, por qualquer razão, não cumpriu sua missão: mediatizar a introjeção do desejo. Uma vez recusado o veredicto do objeto e da realidade, a incorporação, bem como o desejo de introjetar dissimulado, deve escapar a todo olhar estranho, inclusive o do próprio Ego. Para sua sobrevivência, o segredo é obrigatório, o que consta como uma diferença a mais com relação à introjeção, que opera às claras.

Enquanto a introjeção das pulsões põe fim à dependência objetal, a incorporação do objeto cria ou reforça a situação oposta; o objeto incorporado exatamente no lugar do objeto perdido lembrará sempre (em nome da sua existência e pela alusão de seu conteúdo) alguma outra coisa perdida, ou seja, o desejo atendido por recalçamento. “Monumento comemorativo, o objeto incorporado marca o lugar, a data, as circunstâncias em que tal desejo foi banido da introjeção: quantos túmulos na vida do Ego” (ABRAHAM; TOROK, 1987, p.223).

A questão da incorporação, tão importante para o conceito da cripta, faz-nos pensar que não poderia ser outro o processo responsável por colocar a cripta no seio do Ego, por assim dizer, pois é justamente ela o mecanismo mais primitivo de manutenção egóica. Ligada à questão oral, ao alimento, às representações pré-verbais, é lógico pensarmos ser esse o mecanismo que atua quando acontecimentos traumáticos, perdas, lutos, vergonhas, enfim, questões não passíveis de serem verbalizadas pelo sujeito, negadas antes mesmo da liberação de seus afetos, acontecem.

São as perdas narcísicas que têm a incorporação como destino – perdas que não podem, por alguma razão, se confessar enquanto perdas. Nesse caso, a impossibilidade de introjeção, com sua recusa de luto, chega a proibir até que se faça uma linguagem, que se signifique que se está inconsolável. Na falta desse recurso, a única opção possível é a de fingir que nada aconteceu, que nada se perdeu. Assim, todas as palavras que não puderam ser ditas, todas as cenas que não puderam ser lembradas, serão engolidas, assim como, ao mesmo tempo, o traumatismo, causa da perda.

“Engolidos e postos em conserva” (ABRAHAM; TOROK, 1987, p.249). O luto indizível instala no interior do sujeito uma sepultura secreta.

Na furna repousa, vivo, reconstruído a partir de lembranças de palavras, de imagens e de afetos, o correlato objetual da perda, enquanto pessoa completa, com sua própria tópica, bem como os momentos traumáticos – efetivos ou supostos – que haviam tornado a introjeção impraticável. Criou-se, assim, todo um mundo fantasístico inconsciente que leva uma vida separada e oculta. Acontece, entretanto, que, por ocasião das realizações libidinais, “à meia-noite”, o fantasma da cripta vem assombrar o guardião do cemitério, fazendo-lhe sinais estranhos e incompreensíveis, obrigando-o a realizar atos insólitos, infligindo-lhe sensações inesperadas. (ABRAHAM; TOROK, 1987, p.249).

A hipótese de Abraham e Torok a respeito da cripta inicia, então, pelo fato de que, cada vez que uma incorporação é evidenciada, ela deve ser atribuída a um luto vergonhoso que, aliás, apenas ocorreria depois de um estado de ego acuado, depois de uma experiência objetual vergonhosa, traumática, ou seja, depois de um fato acontecido, de um desejo realizado (contrariamente à histeria). É isso que a cripta perpetua. Não existe cripta que não tenha sido precedida por um segredo partilhado. Na clivagem que se segue a um choque, as partes se desenvolvem independentemente, “uma entre elas fazendo-o sob a égide do segredo, o que nas considerações de Nicolas Abraham e de Maria Torok será a característica mesma da incorporação” (LANDA, 1999, p.208). Ao sujeito criptóforo,<sup>8</sup> trata-se de guardar seu segredo, de cobrir sua vergonha. A solução do sujeito criptóforo será anular o efeito da vergonha, assumindo às ocultas ou às claras a significação própria das palavras da vergonha (lembremos do artigo de Freud de 1914 e da questão do desamparo da criança frente aos pais, e de sua posição perante agressores, identificando-se com tais para restabelecer sua posição de ternura).

<sup>8</sup> A palavra criptóforo não é encontrada facilmente nos dicionários, é integrada pela raiz cripta que significa o que está velado. Criptóforo é aquele que porta em si uma cripta, uma sepultura (CORREA, 2000, p.10).

A incorporação, contudo, não passa de uma fantasia que tem por objetivo dar segurança ao ego, quando a realidade psíquica, no entanto, é completamente outra. As palavras, as frases indizíveis e ligadas a lembranças de grande valor libidinal e narcísico não se acomodam à sua exclusão. As palavras indizíveis postas em cripta não cessam de tentar voltar à tona. Pode-se sustentar, portanto, que toda fantasmática advinda da incorporação do fantasma<sup>9</sup> (o objeto incorporado) busca reparar uma ferida real que afetou o objeto ideal, tentando fazer com que nenhum trauma tenha ocorrido ou que nenhum trauma tivesse o que abalar.

No criptofaro, é um desejo já realizado e sem desvios que se encontra enterrado, tão incapaz que ele é de cair no esquecimento. Nada poderia ser feito para que ele não se realize e que a lembrança se apague dessa realização. O passado é, pois, presente no sujeito; como um bloco de realidade, ele é visado como tal nas denegações e retratações. Se essa realidade não pode morrer, ela tampouco pode pretender voltar à vida. O cortejo de personagens internas está lá para impedi-lo (ABRAHAM; TOROK, 1987 apud LANDA, 1999, p.200).

Para Derrida, a cripta se constrói na violência, através de golpes silenciosos e de traumas pré-verbais. A cena traumática, assim, seria encriptada com todas as suas forças libidinais,

com sua contradição que, pela oposição mesma dessas forças, como dos pilares, das vigas, das travessas, dos muros de sustentação, escora a resistência interna do jazigo, com seus poderes de sofrimento intolerável apoiados em um gozo indizível, interdito, em um lugar que não é simplesmente o inconsciente, mas o ego (DERRIDA apud LANDA, 1999, p.273).

<sup>9</sup> O fantasma, objeto incorporado, poderia, na verdade, ser chamado de zumbi, pois sua característica é a de um morto-vivo: “é preciso guardar vivo aquilo mesmo que provoca o pior sofrimento [...] o recalçamento instala no inconsciente o que tem para o ego o aspecto de um cadáver delicioso” (DERRIDA apud LANDA, 1999, p.298).

Cabe, também, esclarecer o conceito de Realidade<sup>10</sup> para Abraham e Torok. Para eles, o conceito metapsicológico de Realidade remete, no aparelho psíquico, ao lugar onde o segredo está escondido, enterrado. Assim, ela se define como o que é recusado, mascarado, denegado como realidade, como o que não deve ser conhecido. Em suma, em uma palavra, definida como um segredo (LANDA, 1999, p.217).

Considerando os trabalhos de Ferenczi sobre o trauma, a “máquina de calcular” sofre uma pane. O choque da perda não permite mais contar o mundo nem contar com o mundo. A magia incorporativa restabelece a lei do tudo ou nada: tudo permanece sem mudança porque nada aconteceu.

Essas considerações permitem pontuar algumas precisões no conceito de cripta:

Na tópica, esta cripta corresponde a um lugar definido. Não é nem o Inconsciente dinâmico nem o ego da introjeção. Seria antes como que um enclave entre os dois, espécie de Inconsciente artificial, localizado no seio do ego. A existência de tal tumba tem por efeito obturar as paredes semipermeáveis do Inconsciente dinâmico. Nada deve filtrar para o mundo exterior. (ABRAHAM; TOROK, 1987 apud LANDA, 1999, p.218).

Derrida auxilia:

A cripta não é, pois, um lugar natural, mas a história marcante de um artifício, uma arquitetura, um artefato: de um lugar compreendido em um outro, mas rigorosamente separado dele, isolado do espaço geral por tabiques, muros, enclave. Para lhe substituir a coisa. Construindo um sistema de paredes, com suas faces interna e externa, o enclave críptico produz uma clivagem do espaço geral, no sistema reunido de seus lugares, na arquitetônica de sua praça aberta em seu interior e ela mesma limitada por uma parede geral, em seu foro. No interior desse foro, praça de livre circulação para as trocas de discurso e de objetos,

<sup>10</sup> Escrito com letra maiúscula por ser um conceito metapsicológico, diferenciando-a da realidade de senso comum.

a cripta constrói um outro foro: fechado, porém no interior de si mesmo, interior secreto no interior da grande praça, mas ao mesmo tempo exterior a ela, exterior no interior. Qualquer coisa que se escreva sobre elas, as superfícies parietais da cripta não separam simplesmente um foro interior de um foro exterior. Elas fazem do foro interior um foro excluído no interior do de dentro. Tal é a condição, tal a estratégia para que o enclave críptico possa isolar, proteger, disfarçar, manter ao abrigo de toda penetração, de tudo o que de fora possa se infiltrar com o ar, a luz ou o ruído, o olhar ou a escuta, o gesto ou a palavra. (DERRIDA apud LANDA, 1999, p.272).

A condição para que o mecanismo de incorporação se realize e instale, então, a cripta no seio do Ego,<sup>11</sup> pode ser esclarecida a partir de duas questões: “como as palavras da introjeção chegam a faltar?” e “por que essa urgência que as chama?”. Segundo Abraham e Torok, “só pode se tratar da perda súbita de um objeto narcisicamente indispensável, quando então essa perda interdita a comunicação. Em qualquer outro caso, a incorporação não teria razão de ser” (ABRAHAM; TOROK, 1987 apud LANDA, 1999, p.227), já que, como dito anteriormente, a incorporação, para Abraham e Torok, surge como um recurso mágico que tem por finalidade negar a situação traumática na sua totalidade. É nos casos de lutos indizíveis, inomináveis, que as tumbas, as criptas se colocam, secretamente, no interior do ego, como esperança de restauração psíquica.

Somado a isso, a questão de que a cripta indica ou que um desejo foi realizado, ou que um trauma realmente aconteceu, ou que a vergonha realmente precisa ser acobertada (ou todos esses exemplos juntos) aponta para

<sup>11</sup> Segundo Derrida (apud Landa, 1999, p. 299), o Ego é o guardião do cemitério. A cripta é encerrada nele, porém como um lugar estranho, interdito, excluído. Ele não é o proprietário daquilo que ele tem a guarda. Ele faz apenas o papel de proprietário. Ainda ao redor e sobretudo emprega todo o seu conhecimento dos lugares para desviar os visitantes. “Ele se mantém plantado lá para vigiar as idas e vindas da família próxima que pretende – por diferentes razões – ter acesso à tumba. Se ele consente introduzir os curiosos, os detetives, será para melhor lhes arrumar falsas pistas e tumbas fictícias” (Abraham, 1972, apud Landa, 1999, p.229). Segundo os autores Abraham e Torok, a cripta localiza-se no sistema pré-consciente – consciente.

a fragilidade real do ego, que necessitaria de uma profunda restauração, caso o material encriptado, o fantasma, assim não estivesse guardado, assim não estivesse escondido. A clivagem ocorre porque o trauma é forte demais para o sujeito, mas a cripta não fica para sempre escondida. Remetendo ao capítulo anterior, não há nada que uma geração consiga esconder completamente daquela que a ela sucede (FREUD, 1913).

### **Transgeracionalidade**

Após deixarmos claras as principais raízes da transgeracionalidade, através de Freud e de Abraham e Torok, partimos, delineando-nos em determinados autores<sup>12</sup> e remontando aos capítulos anteriores, para a questão propriamente dita.

O primeiro ponto é deixar clara a diferença entre intergeracionalidade e transgeracionalidade, duas modalidades de transmissão de herança psíquica de uma geração para outra.

A intergeracionalidade é a transmissão psíquica que acontece **entre** gerações, havendo uma distância mantida e o respeito aos espaços psíquicos de cada indivíduo, o que permite, assim, que haja uma transformação do material que é transmitido e que a subjetividade dos sujeitos seja respeitada.

Na intergeracionalidade, o sujeito não é tido como um “escravo”, pois ele tem meios para, pelo trabalho psíquico, elaborar o material recebido através da transmissão, de modo a conduzi-lo a uma transformação e a uma diferenciação, a “uma evolução entre o que é transmitido e o que é herdado” (TRACHTENBERG, 2002). Isso permite que cada geração possa situar-se em relação às outras com identidade própria, sendo um elo entre outras gerações, e não a pura repetição do traumático de uma. A frase de

---

<sup>12</sup> Os autores utilizados para a compreensão da transgeracionalidade, nesse trabalho, são: Trachtenberg, Faimberg, Aulagnier, Kaës, Granjon, além dos clássicos Freud, Abraham, Torok e Ferenczi, que, embora não tenham falado sobre transgeracionalidade, precisam ser reportados a fim de que possamos compreender os antecedentes da questão, bem como os conceitos a ela ligados.

Goethe, citada por Freud em *Totem e Tabu*, ilustra bem a intergeracionalidade: “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”, ou seja, recebe a herança psíquica e dá a ela características e trabalho psíquicos teus para que ela seja tua. Assim, concebe-se que a intergeracionalidade é uma transmissão psíquica estruturante, a partir da qual o sujeito pode, através de fantasias, identificações, etc., organizar sua “história familiar, um relato mítico, do qual cada indivíduo pode tomar os elementos necessários para a constituição de sua novela individual neurótica” (TRACHTENBERG, 2002).

A transgeracionalidade, objeto principal deste trabalho, em contrapartida, é a patologia da transmissão psíquica entre gerações, pois acontece **através** dos sujeitos e das gerações, não respeitando subjetividades e espaços psíquicos, impondo ao receptor o seu material psíquico em estado bruto, encriptado.

Segundo Abraham e Torok, em situações em que um trauma real aconteceu, e o sujeito, através do mecanismo da incorporação, criou uma cripta em seu interior, existe a necessidade, por parte do mesmo, de livrar-se desse material, como meio de livrar-se dos fantasmas da cripta, que, como dito no capítulo anterior, assombram o indivíduo.

A transgeracionalidade pode, para alguns estudiosos, tais como Kaës e Silva, ser entendida como a transmissão da cripta, detentora do material bruto, dos afetos, das fantasias do trauma ocorrido e que se encontram nela enquistados. O indivíduo expulsa de dentro de si seu próprio fardo, bem como as partes alienadas de si mesmo, e as coloca em alguém narcisicamente selecionado da geração seguinte.<sup>13</sup>

É através do mecanismo de identificação projetiva que a geração precedente irá transmitir a cripta. A geração receptora, no entanto, precisa identificar-se com a que a precede, a fim de que receba esse material. A geração que transmite “liberta-se” através da identificação projetiva, enquanto que a receptora é como que escravizada, pois esta, vivendo uma história que ao menos em parte não é sua, acaba por ter parte de seu próprio

<sup>13</sup> Ler Freud, *Luto e Melancolia* (1917), ou revisar primeira parte deste trabalho.



psiquismo alienado. Haydée Faimberg (2001, p.131) intitula esse fenômeno de telescopagem de gerações, o qual ela exemplifica com o modelo das bonecas russas, em que uma cabe dentro da outra, representando o material psíquico que habita o interior de outro ser que não o seu dono original. A questão das identificações alienantes, de Piera Aulagnier (apud KAËS, 2001, p.36), corrobora ainda com a questão da transgeracionalidade, posto que o material transmitido, por ser do sujeito que o transmite, aliena, da sua própria psique, o receptor.

Na transmissão alienante, os pais perdem a função de fiadores, para a criança, do valor de investigação das verdades psíquicas e ocupam seu lugar. A criança, assim, fica sujeita ao que os pais dizem ou calam, passando a depender, de maneira paradoxal, para sua própria sobrevivência psíquica, dessa versão narcísica fundadora que é mantida em silêncio pelos pais, perdendo assim o livre acesso à interpretação de seu próprio psiquismo. (FAIMBERG, 2001, p.136).

Freud, em 1921, citava o amor e a hipnose como resultantes da idealização do objeto, quando a libido narcísica transborda para o objeto, passando a ser um sucedâneo de algum inatingido de nós mesmos, fazendo prevalecer uma sujeição humilde ao objeto amado. No amor, há uma identificação com o objeto com cujas propriedades o ego pode enriquecer-se, pois o introjetou em si. Entretanto, na fascinação, ou servidão, tanto como na hipnose, o ego empobreceu-se, substituiu o seu constituinte mais importante pelo objeto. A hipnose conta com um elemento fundamental para o seu êxito: a paralisia – derivada da relação entre alguém com poderes e alguém que está sem poderes e desamparado. O vínculo emocional e o desamparo da criança frente aos seus genitores parecem, assim, para Freud, constituir os fundamentos mais primitivos dos processos de identificação, de onde emanam as transmissões inconscientes de um indivíduo para outro e de geração para geração, formando a base para o funcionamento intrapsíquico. (TRACHTENBERG, 2002).

Assim, através dos conceitos de identificação projetiva, identificação

e cripta, passa-se a compreender como funciona o mecanismo da transgeracionalidade: o portador da cripta tem necessidade de livrar-se dela. Para tanto, através da identificação projetiva, transmite seu legado traumático e não elaborado ao receptor, que, devido à identificação, dependência, desamparo e posição de submissão inerente ao ser humano infantil, recebe o material como meio de manter a harmonia familiar, grupal, não indo contra o líder, detentor do poder e emissor, assumindo o papel a ele designado para restabelecer sua posição de ternura infantil.<sup>14</sup>

A transgeracionalidade, assim, impele as gerações a um sintoma de repetição, pois o mesmo material não elaborado, indizível, irá assombrar mais de uma geração, gerando sintomas.

Na geração receptora, encontramos o impensável, o negativo, o processo de segregar, os restos insensatos, os passados em silêncio, as histórias vazias. Estará fundada, dessa forma, a cadeia traumática transgeracional. (TRACHTENBERG, 2002)

A questão da transmissão psíquica, assim, torna-se central no grupo familiar e diz respeito a cada um e ao conjunto das relações geracionais grupais, já que a existência de cada um no grupo familiar está fundada no lugar oferecido e ocupado na cadeia das gerações (GRANJON apud CORREA, 2000).

Remontando a Ferenczi (apud TRACHTENBERG, 2001), este descreve a posição infantil de submissão da criança ao adulto, justificando o fato de que ela se encontra altamente sugestionável.<sup>15</sup> Como a criança não pode abrir mão da ternura, se identifica mesmo em situações de agressão. Frente a situações traumáticas, então, a criança não se defende. Sua personalidade fracamente desenvolvida não permite a defesa, e sua proteção passa a ser a identificação, tomando a realidade dura, exterior, como sua, tornando-a parte de seu próprio psiquismo. Por isso ela aceita a cripta, submissa que

<sup>14</sup> Anteriormente citado mencionando Freud e Ferenczi.

<sup>15</sup> Ainda, Freud nos artigos de 1914 e 1921.

está em relação ao adulto bem como identificada com o mesmo. A necessidade de ocupar o lugar oferecido na cadeia das gerações se faz presente.

A patologia da transmissão, portanto, insere a geração receptora no traumático da geração precedente, fazendo com que se cumpram, para ela, várias funções, tais como ocupar o lugar dos mortos, identificando-se com eles, para satisfazer a mãe, por exemplo, ou servindo de continente para as angústias excessivas do adulto, invertendo as posições na linha geracional, transformando-se – outro exemplo – em pai de seus pais.

Fica claro, nesse momento, o quão pode a patologia ser alienante. Kaës (2001) coloca que a questão da fundação do inconsciente do sujeito se dá através da intersubjetividade, do desejo do outro. Desse modo, pode-se pensar que o lugar que esse outro concede é o único lugar a ser ocupado pelo sujeito que está se constituindo, ou que, ao menos, é praticamente impossível não ocupá-lo.

Aponta ainda que os conteúdos passíveis de serem transmitidos são as configurações de objetos, ou seja, os afetos, as representações e as fantasias; objetos providos de seus enlaces e que incluem sistemas de relações de objeto transmitidos através da transmissão transpsíquica,<sup>16</sup> que não respeita os limites e os espaços subjetivos, predominando, assim, apenas as exigências narcísicas do transmissor.<sup>17</sup> Convém pontuar que *Totem e Tabu* traz, na idéia de transmissão por contágio, do Maná, um exemplo de transmissão transpsíquica, posto que limites e espaços psíquicos não são respeitados.

Trachtenberg (2001) coloca que, ao pensarmos numa linha geracional, observamos que, através da transmissão transpsíquica de um segredo, de

<sup>16</sup> Convém dizer que transgeracionalidade é a patologia da transmissão da herança psíquica entre gerações, enquanto que a transmissão transpsíquica é transmissão entre sujeitos, supondo a abolição dos limites e dos espaços subjetivos.

<sup>17</sup> Kaës distingue duas formas de transmissão: a já citada transpsíquica e a intersubjetiva, que aponta para conteúdos que podem ser transpostos e transformados de um indivíduo a outro ou de geração a geração, sendo um tipo de transmissão que transita num espaço subjetivo, em que são respeitados os espaços individuais e enunciadas as proibições fundamentais, possibilitando a cada sujeito do grupo familiar a atividade de representação, como o Complexo de Édipo (KAËS apud TRACHTENBERG, 2001).

uma situação não vivenciada afetivamente, verbalizada ou não, uma vez que essa verbalização pode não dar conta de todas as representações e afetos envolvidos no trauma, três gerações<sup>18</sup> estão envolvidas.

Ao invadir a mente de seu filho, o progenitor [geração precedente] parasita-o ativamente com sua própria dolorosa e clivada história, tornando-o cativo de uma história que, pelo menos em parte, não é sua. Estamos falando de um cativo (clivagem, alienação e organização psíquica em torno do não-seu) que produz uma pobreza e um esvaziamento psíquicos e em que há, paradoxalmente, um “demasiado-cheio”, um objeto que jamais se ausenta. O representante dessa geração-receptora de um ato psíquico que não é seu termina por se alienar de seu próprio psiquismo. (TRACHTENBERG, 2001)

A patologia da transmissão, assim, embora afete um sujeito em sua singularidade, não pode por definição ser um atributo seu, mas, sim, uma formação que adquire função em uma dupla economia psíquica, pois é mantida e transmitida no processo psíquico do sujeito singular e no processo psíquico do conjunto intersubjetivo (KAËS, 2001). Coloca o sujeito, parafraseando Freud, no artigo de 1914, em lugar de indivíduo enquanto fim para si mesmo mas também enquanto elo entre gerações; contudo, enquanto alguém que cumpre variadas funções em nome da geração precedente. Os traços daquilo que se passou com a geração anterior e que por ela não pôde ser pensado, “com seu cortejo de terror, vergonha e interditos” (GRANJON apud CORREA, 2000, p.25), é o que constitui a transgeracionalidade, modalidade de transmissão psíquica imposta, que atravessa gerações, acarretando a alienação do sujeito que se encontra encarregado de uma parte não-explicita e não-acessível da história de um outro, como se o sujeito passasse a ser o “suplente narcísico” (GRANJON apud CORREA, 2000, p.26) desse outro.

Concluindo, quando um acontecimento com potencialidade traumáti-

<sup>18</sup> Lembrar do Complexo de Édipo, que é o exemplo mais claro da transmissão psíquica envolvido pelo menos três gerações, embora não se trate de transmissão transpsíquica, como já citado.

ca (nascimentos, mortes, partidas, e, *a fortiori*, os acontecimentos traumáticos, etc.) vem perturbar ou impedir um processo de integração harmônica, ele cria lacunas, inclusões, criptas na psique em questão. Esses “passados em silêncio”, ou “mantidos em segredo”, esses “restos insensatos” de um acontecimento inaceitável estão fora de um trabalho psíquico, mas vão obstruir a psique do sujeito e do grupo, permanecendo em estado bruto, consagrados à repetição e oferecidos às identificações da criança, geração sucessora, com a secreta esperança de que esta, herdeira e suplente narcísico, possa realizar o trabalho fracassado. É possível estabelecer, ainda, que transmitir é mais importante que aquilo que é transmitido, e o que será encontrado na descendência é o indizível, o impensável, o processo do segredo mais do que seu conteúdo (GRANJON apud CORREA, 2000).

### **Conclusão**

A questão da herança, daquilo que é adquirido ou daquilo que é imposto pela transmissão, no cerne da vida psíquica familiar e individual está, desde o momento originário, inscrito nas fundações e nos fundamentos da psique de cada um de seus membros e do grupo.

A transmissão psíquica, entre e pelas gerações, tem a ver com a continuidade e com a evolução de cada indivíduo e do conjunto da sociedade. Tradições e culturas asseguram, parcialmente, a continuidade de uma geração para a outra. A isso se soma a transmissão psíquica, que pontua a idéia de que não somente o genético, em seu sentido restrito, mas também componentes psíquicos são passíveis de ser transmitidos.

Os processos da transmissão implicam ligações com e entre diferentes níveis intrapsíquicos e intersubjetivos intermediadas pelo grupo e pelos seus agenciamentos e relações, favorecendo transformações e conduzindo a uma diferenciação, uma evolução entre o que é transmitido e o que é adquirido. Esse trabalho permite a cada geração situar-se em relação às outras, inscrevendo cada sujeito em uma cadeia e em um grupo (ou grupos), permitindo a fundação de sua própria subjetividade, constituindo sua

história e tornando-o proprietário de sua herança: essa é a modalidade “normal” da transmissão psíquica, a intergeracionalidade.

É quando esse trabalho falha, então, que a intergeracionalidade dá lugar à patológica transgeracionalidade, fazendo com que a transmissão psíquica possa ser alienante em vez de estruturante, já que, ao atravessar gerações e se colocar de maneira não elaborada, em estado bruto na psique do indivíduo que a recebe, não permite metabolização ou trabalho psíquico, fazendo com que o sujeito realize tarefas para a geração precedente, como se fosse um suplente narcísico da mesma. O dano é que, vivendo uma história que não é integralmente sua, o indivíduo parte para uma lenta morte psíquica, pois suas próprias questões acabam ficando em segundo plano.

A transgeracionalidade, modalidade da transmissão psíquica que, ao se impor aos indivíduos através das gerações, não respeita subjetividades e espaços psíquicos, se trata de um dispositivo patológico e não universal.

A transmissão forçada, imposta desde o nascimento (pode ser intergeracional ou transgeracional, pois as duas modalidades acabam sendo impostas, porém, permitem ao indivíduo enlances subjetivos completamente diferentes), faz da criança elo de uma cadeia geracional e a destina a um lugar que lhe é oferecido pelo grupo que a acolhe.

Herdeira daquilo que se teceu e daquilo que calou de seus pais, a criança, que se beneficia do investimento narcísico desses, assegura a continuidade do conjunto e adquire a possibilidade de sua própria subjetividade. É a esse preço que ela poderá existir, constituir-se psiquicamente como sujeito do inconsciente e sujeito do grupo. O que é oferecido à criança, nos termos do contrato de vida<sup>19</sup> que lhe é proposto, é um lugar a ocupar e uma carga a assumir, permitindo-lhe adquirir esse lugar que a funda.

Como são os pactos inconscientes do grupo familiar que permeiam o que deve ser interdito, não dito ou dito, a criança encontra-se à mercê dessa

<sup>19</sup> Contrato narcísico de Piera Aulagnier. Indica que existe um pré-investimento dos pais em relação ao bebê, ao qual reservam um lugar legítimo. A criança demanda ao grupo o reconhecimento de que ela lhe pertence, enquanto o grupo lhe demanda a preservação de seus valores e leis, previamente estabelecidos (AULAGNIER apud TRACHTENBERG, 2005).

teia familiar, e tende a assumir o que esperam dela, como meio de fazer parte dessa teia. No entanto, a criança corre o risco de assumir-se como o próprio conteúdo secreto, e pode ser pega pelo irrepresentável familiar através da transgeracionalidade.

Assim, de herdeira da “Caixa de Pandora”,<sup>20</sup> ou das gavetas da escultura de Salvador Dalí,<sup>21</sup> a criança passa a ser, ela mesma, o seu conteúdo; passa a ser o negativo, o segredo, a amnésia, o silêncio, o não dito, passando a alienar-se da sua psique e a viver em função da psique de um outro.

As doenças chamadas limítrofes (*borderlines*), a psicose e o autismo, podem, através da transgeracionalidade, ter novas leituras, posto que esta tem por fato a alienação psíquica (ao menos em parte) daquele que recebe seu material, podendo, assim, ser possível pensarmos novos dispositivos que poderiam auxiliar a responder às perguntas de como e por que tais estruturas se instalam nos indivíduos. Poderiam ser essas estruturas casos extremos de transgeracionalidade?

A psicossomatização, tanto em crianças como em adultos, também poderia ser estudada pelo viés transgeracional. Em se tratando de crianças, principalmente, a questão da psicossomática pode ser estudada como modo de repetir o sintoma do outro, da geração precedente, ou de tentar dar vazão ao material psíquico recebido através da via corpórea por não ter recursos psíquicos para lidar com o não-elaborado legado geracional.

Além do mais, a transgeracionalidade pode ser caminho para estudos sobre as conseqüências psíquicas das situações de traumas reais, que não são reconhecidas ou querem ser banidas da memória pela sociedade ou instituições como a família, já que contribuem para a formação de criptas no sujeito, à medida que exigem que não se fale de certos fatos que acabam, assim, tornando-se impensáveis.

Assim, a questão da transgeracionalidade se coloca como um caminho vasto para as investigações da psicanálise contemporânea, tamanha sua

<sup>20</sup> A Caixa de Pandora faz parte dos mitos gregos. Trata-se de uma caixa detentora de todos os segredos e males do mundo, a qual não poderia nunca ser aberta. No entanto, Pandora, a primeira mulher (tal como Eva para a Bíblia) a abriu.

<sup>21</sup> Referência à escultura de Salvador Dalí citada na introdução.



possibilidade de gerar novas leituras sobre antigas e inquietantes questões, abrindo caminhos para novas perguntas e novas hipóteses.

## Resumo

A questão da transmissão da herança psíquica entre gerações é um assunto bastante recorrente na psicanálise contemporânea. A transgeracionalidade, transmissão da herança psíquica de maneira patológica, no entanto, é o viés que este trabalho pretende abordar.

O primeiro capítulo deste trabalho busca na obra de Freud os antecedentes da questão da transmissão da herança psíquica, enquanto o segundo apresenta conceitos fundamentais para o entendimento da transgeracionalidade, através dos autores Nicolas Abraham e Maria Torok, que, apesar de nunca terem falado em tal, possibilitaram, através de seus conceitos, que autores contemporâneos pudessem dar continuidade aos seus estudos e lançar a idéia de que a cripta pode ser transmitida.

A terceira parte pontua o que é a transgeracionalidade e a diferencia da intergeracionalidade, que se trata do processo normal da transmissão psíquica, trazendo alguns dos mais importantes autores que estudam tal questão, tais como Kaës, Faimberg, Aulagnier e Granjon. Coloca também que a transmissão psíquica patológica entre gerações pode promover a alienação psíquica do sujeito. É através da transmissão (geração precedente) e recepção (geração seguinte) de um material psíquico em estado bruto, um trauma não elaborado, que podemos observar esses fenômenos.

## Palavras-chave

Transgeracional. Introjeção. Incorporação. Trauma. Identificação Projetiva.

## Abstract

### **Transgenerationality: the pathology of the psychic transmission among generations**

The issue of psychic inherited transmission is a well recurrent matter in contemporary psychoanalysis. The transgenerationality, a pathologic form of psycho inherited transmission, however, is the guideline for the approach of this work.

In the first chapter, the research was based on Freud's work, on the records of psychic inherited transmission matter; meanwhile, on the second chapter the focus was on basic concepts to understand transgenerationality based on some

authors such as Nicolas Abraham and Maria Torok, who, despite the fact that they have never talked about this subject, they have opened the ground for contemporary authors to keep their studies based on their concepts, and they have launched the idea that the crypt can be transmitted.

The third part of this study points out the definition for transgenerationality, and establishes the difference from intergenerationality, which is a normal process of psychic transmission, bringing about one of the most important authors who discuss this issue, such as Kaës, Faimberg, Aulagnier, and Granjon. It also shows that the pathological psychic transmission among generations can lead to the subject psychic alienation. It is through transmission (ancestors), and reception (descendants) of a gross psychic material, a non-worked trauma, that one can observe these phenomena.

### **Key-words**

Transgenerational. Introjection. Incorporation. Trauma. Projective Identification.

### **Resumen**

#### **Transgeneracionalidad: la patología de la transmisión psíquica entre generaciones**

La cuestión de la transmisión de la herencia psíquica entre generaciones es un asunto bastante recurrente en el psicoanálisis contemporáneo. La transgeneracionalidad, transmisión de la herencia psíquica de manera patológica, sin embargo, es el aspecto más importante que este trabajo pretende abordar.

El primer capítulo de este trabajo busca en la obra de Freud los antecedentes de la cuestión de la transmisión de la herencia psíquica, mientras el segundo presenta conceptos fundamentales para el entendimiento de la transgeneracionalidad, a través de los autores Nicolas Abraham y Maria Torok que, a pesar de nunca haber hablado en tal, posibilitaron, a través de sus conceptos, que autores contemporáneos pudieran dar continuidad a sus estudios y lanzar la idea de que la cripta puede ser transmitida.

La tercera parte muestra lo que es la transgeneracionalidad y la diferencia de la intergeneracionalidad, que se trata del proceso normal de la transmisión psíquica, trayendo algunos de los más importantes autores que estudian tal cuestión, tales como Kaës, Faimberg, Aulagnier y Granjon. Coloca también que la transmisión psíquica patológica entre generaciones puede promover la alienación psíquica del sujeto. Es a través de la transmisión (generación precedente) y

recepção (geração seguinte) de um material psíquico em estado bruto, um trauma no elaborado que podemos observar esos fenômenos.

## Palabras-llave

Transgeracional. Introyección. Incorporación. Trauma. Identificación Projectiva.

## Referências

- ABRAHAM, N.; TOROK, M. (1987). **A Casca e o Núcleo**. São Paulo: Escuta, 1995.
- CORREA, O. B. R. (Org.). **Os Avatares da Transmissão Psíquica Geracional**. São Paulo: Escuta, 2000.
- FAIMBERG, H. A Telescopagem das Gerações a Propósito da Genealogia de Certas Identificações. In: KAËS, R. et. al. **Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- FREUD, S. (1896). Estudos sobre a Histeria. In: \_\_\_\_\_. **Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud**. Rio de janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1913). Totem e Tabu.. In: \_\_\_\_\_. **Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud**. Rio de janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1914). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. **Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud**. Rio de janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1916). Conferências Introdutórias à Psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud**. Rio de janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1917) Luto e Melancolia. In: \_\_\_\_\_. **Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud**. Rio de janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: \_\_\_\_\_. **Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud**. Rio de janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1921). Psicologia das Massas e Análise do Ego. In: \_\_\_\_\_. **Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud**. Rio de janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1923). O Ego e o Id. In: \_\_\_\_\_. **Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud**. Rio de janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1937). Análise Terminável e Interminável. In: \_\_\_\_\_. **Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud**. Rio de janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1939). Moisés e o Monoteísmo. In: \_\_\_\_\_. **Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud**. Rio de janeiro: Imago, 1996.
- KAËS, R. et. al. **Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

- LANDA, F. **Ensaio Sobre a Criação Teórica em Psicanálise:** de Ferenczi a Nicolas Abraham e Maria Torok. São Paulo: Editora UNESP; FAPESP, 1999.
- LAPLANCHE; PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PESSOA, F. **Poesias.** Porto Alegre: L & PM, 1999.
- SILVA, M. C. P. da. **A Herança Psíquica na Clínica Psicanalítica.** São Paulo: Casa do Psicólogo; FAPESP, 2003.
- SZEJER, M. **Palavras para Nascer:** a escuta psicanalítica na maternidade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- TRACHTENBERG, A. R. C. Das Histórias Vazias à Transmissão Intergeracional. **Revista Brasileira de Psicoterapia:** CELG, Porto Alegre, v.4, n.3, 2002.
- \_\_\_\_\_ et al. De Escravo a Herdeiro: um destino entre gerações. **Psicanálise:** revista da SBPdePA, Porto Alegre, v.4, n.1, Porto Alegre, 2001.
- \_\_\_\_\_ et al. Vicissitudes do Conceito de Identificação e Transmissão entre Gerações. **Revista do IEPP,** Porto Alegre, n.4, 2002.
- \_\_\_\_\_ et. al. **Transgeracionalidade – de Escravo a Herdeiro:** um destino entre gerações. 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Artigo adaptado do Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria, apresentado em nov. 2004. Orientado por Maria Luíza Furtado Kahl e co-orientado por Ana Rosa Chait Trachtenberg, com autorização da Universidade Federal de Santa Maria.

**Dra. Aline Baumer**

Av Fernando Ferrari, nº 820 apto 302  
Bairro Nossa senhora de Lourdes  
97050-800 Santa Maria – RS – Brasil  
E-mail: alinebaumer@terra.com.br

**Dra. Ana Rosa Chait Trachtenberg**

Rua Florêncio Ygartua, 391/ 404  
91330-120 Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone/fax: (0xx51) 33306453  
E-mail: anarosact@terra.com.br

**Dra. Maria Luíza Furtado Kahl**

Av. Presidente Vargas, 1945 ap. 802  
Bairro: Centro  
97015-513 Santa Maria – RS – Brasil  
E-mail: marilufk@terra.com.br